

# Boletim

DO

## GRANDE ORIENTE DO BRAZIL

JORNAL OFFICIAL

DA

## Maçonaria Brasileira

PUBLICAÇÃO MENSAL.

Redactor em Chefe:

O GR.: SECR.: GER.: DA ORD.:

N. 3 — 13.º ANNO.

MARÇO



Or.: do Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA-EDITORIA DE J. P. HILDEBRANDT

RUA D'AJUDA, 31

1884 (8.º V.º)

# Boletim

DO

## GRANDE ORIENTE DO BRAZIL

*Jornal Official da Maçon.: Brasileira*

N. 3.

Março, 1884.

13º Anno.

### AOS NOSSOS LEITORES

Com a epigrapha — *A actualidade* — publicamos n'este numero um artigo do Pod.: Ir.: 33.: Conselheiro Dr. Saldanha Marinho, Gr.: Mest.: Gr.: Com.: Hon.:, referente á questão que, actualmente se agita no mundo profano, entre o governo e as Ordens religiosas, e que tem dado margem a intrigas intencionalmente propaladas contra o citado Pod.: Ir.: que, na qualidade de jurisconsulto, deu seu parecer sobre a questão.

No *Jornal do Commercio*, de 16 de Março, o nosso Sob.: e Pod.: Ir.: Gr.: Mest.:, Conselheiro Francisco José Cardoso Junior, publicou uma declaração em que desmentiu a aleivosa injuria da abjuração, que lançaram sobre o character nobre e, por todos os motivos, respeitavel do Pod.: Ir.: Saldanha Marinho, cuja reproducção fazemos em sua integra.

E' do nosso dever chamar a attenção de todos os MMac.: para as alludidas publicações na parte referente a nossa Subl.: Ord.:.

Faça cada um o seu dever, expellindo para longe os intrigantes, que por todos os meios ignobeis só procuram desacreditar a nossa Instituição no que ella tem de mais respeitavel, nobre e utilitario.

Sirva-nos de exemplo o nobillissimo procedimento da Aug.: Loj.: Symb.: Estrella do Oriente, ao Or.: de S. Carlos do Pinhal, provincia de S. Paulo, que entre ccol.: entregou ás chammas o jornal *Aurora Escosseza*, arauto da injuria irrogada e unanimemente resolveu dirigir ao Pod.: Ir.: Conselheiro Saldanha Marinho, os mais sinceros votos de estima e consideração assim demonstrando, que a CALUMNIA

nem de leve PODE tisonar a pureza do character de tão prestimoso Maçon. . . quão abalisado jurisconsulto. \*)

A REDACÇÃO.

Eis a declaração do nosso Sob. . . Gr. . . Mest. . . :

**O conselheiro Saldanha Marinho e a Maçonaria**

Um periodico intitulado *Aurora Escosseza*, dirigido por um grupo de maçons dissidentes, e que forjárao um seu Grande Oriente, a que chamarão — Brasileiro, atira ao Sr. conselheiro Saldanha Marinho a atroz injuria de abjuração da maçonaria.

Cabe-me, como grão-mestre do Grande Oriente do Brazil, unico regular e reconhecido, declarar que essa aventureosa asseveração é absolutamente falsa.

O Sr. conselheiro Saldanha Marinho, grão-mestre honorario no mesmo Grande Oriente do Brazil, continúa com a mesma dedicação e prestando relevantes serviços á Ordem, e mantem-se com muita gloria para a maçonaria brasileira na posição de seu legitimo defensor.

Não ha abjuração e nem sequer esmorecimento a lamentar, e nem esse honrado velho seria capaz de uma tal infamia.

O homem brioso e digno jámais se afasta do caminho da dignidade.

Faço esta espontanea declaração para que a mentira não possa, sendo repetida, tomar o character de verdade.

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO JUNIOR.

Rio de Janeiro, 15 de Março de 1884.

## A ACTUALIDADE



NINGUEM se arrisque a julgar o que ora se passa no mundo profano, em relação á Maçon. . . , pelo que se diz, pelo que a imprensa affirma, ou pelo que parece ser da intenção dos que governam.

A Maçon. . . deve estar em guarda ; e se deixar-se arrastar na onda artificial, que se levanta, ficará irremediavelmente perdida.

Emquanto se apparenta uma lucta no character de religiosa, e isso para salvar um acto despotico do

\*) N'este *Boletim* encontrarão os nossos Ill. . . Iir. . . , na parte noticiosa, não só a manifestação da Loj. . . Estrella do Oriente, mas tambem a resposta do Pod. . . Ir. . . Conselheiro Saldanha Marinho.

Governo, e que, insustentavel como é, está já devidamente qualificado pelos mais competentes, abrem-se as portas do Imperio a todos os Lazaristas, Jesuitas e Irmãs de Caridade de diversas classes, que, expulsos de outros paizes, que os não puderam supportar, vão assentando aqui as suas tendas, creando o seu futuro dominio, installando-se em muitos lugares com faculdade de prédica livre, e do confessorario, de que abusam.

D'est'arte vão-se assenhoreando do espirito do povo inexperto, e adquirindo influencia no seio das familias, que têm a leviandade de lhes dar entrada.

Não é isto só.

Já têm fundado grandes e ricos estabelecimentos com o pretexto de educação; e para isso não têm empregado um só real que trouxessem, e sim o dinheiro extorquido dos que, temerosos da condemnação eterna, vão se deixando espoliar.

O que está manifesto já, é que têm comprado grandes terrenos, edificado sumptuosas casas, e ainda lhes restam avultadas sommas, que remettem para a Europa, e que vão para a Caixa geral, afim de serem empregadas no plano de escravizar-nos a seus caprichos e á sua vontade retrograda.

Certamente é curioso assistir ao espectáculo, que nos dá a administração publica, occupando-se de haver a si alguns bens de ordens representadas por frades velhos e inoffensivos, e isto sobre o alarma de *guerra aos frades*, para melhor encobrir a cruzada, que o mesmo Governo organisa com estes Lazaristas, Jesuitas e Irmãs de Caridade, afim de que, unido cada vez mais o throno ao altar, possa em breve tempo acclamar o despotismo franco, a que nos pretende sujeitar.

Batido o governo em seu acto de completa inepecia, tem mandado escrever pelos seus prepostos, e publicado nos jornaes desta Côrte, que se propõe tratar desde já da realisação do casamento civil, separação da Igreja do Estado, e de todas as grandes reformas sociaes, que o paiz reclama, e são da mais urgente necessidade.

Os homens que agora, e para uma conversão de bens por meios tortuosos e irregulares, proclamam essas grandes idéas, são os mesmos que ha bem poucos annos, na camara dos Deputados, se esforçaram, occulta ou patentemente, para obstar á discussão, e adopção dos projectos, que apresentámos em satisfação de todas essas necessidades, pelas quaes temos sempre propugnado.

Se, pois, fallam n'isso agora, é sem duvida porque lhes é indispensavel levantar uma opinião que os ampare, e que os acoberte da vergonha, que os espera por seus actos inconstitucionaes e revoltantemente arbitrarios.

Sete annos seguidos, e mais algum tempo ainda depois, sustentámos na imprensa e luctámos esforçadamente por esses essenciaes melhoramentos, por essas reformas, das quaes depende absolutamente a verdadeira prosperidade do Brasil.

Por dous annos consecutivos, durante duas sessões legislativas, trabalhámos pela adopção de todas essas medidas, que havíamos sustentado na imprensa, e para cada uma d'ellas apresentámos os respectivos projectos.

Estes, porém, foram por ordem do Governo deixados até hoje nas pastas das commissões, cujos membros, a despeito de desejarem ligar seus nomes a objecto de tanta magnitude, viram-se forçados por conveniencias politicas a deixarem no esquecimento esses mesmos projectos.

E era ministro da justiça o actual Sr. presidente do Conselho !

O governo agora, fallando n'essas materias, nada mais quer do que illudir o paiz, para que em paz possa levar avante o seu arbitrario, mas ridiculo empenho de converter precipitadamente os bens das corporações de mão morta em dinheiro, para ser esbanjado no Thesouro Nacional.

A excommunhão, que a Curia romana lançou á Maçon. do Brazil, continúa a ter effeito, apesar de não terem sido sujeitas ao beneplacito as bullas e breves apostolicos que a decretaram.

A prerogativa constitucional da concessão de beneplacito, para que tenham quaesquer letras apostolicas execução no Imperio, continúa a ser menoscabada, e o governo imperial se conserva ante este espectaculo contristador em perfeito silencio, sabendo, entretanto, que milhares de brasileiros, e estrangeiros, se acham impossibilitados de casamento, de baptisados, etc., por serem considerados fóra da Igreja romana, que de sua *unica* auctoridade assim o tem decretado !

E o governo, que, impassivel nos conserva neste estado, manda injuriar-nos, simplesmente porque, em cumprimento de um dever sagrado de nossa profissão, dissemos, e demonstrámos que o celebre decreto n. 9094 de 22 de Dezembro de 1883 era uma monstruosidade politica, um erro, uma arbitrariedade descommunal.

E o que dissemos em um parecer juridico tem servido de arma aos ineptos, desleaes, ou de má fé, para averbarem-nos de contradictorio, etc. !

Como se em alguma cousa se pudesse confundir a questão agitada em relação ao poder discricionario da Igreja romana, com um ponto do nosso direito escripto e em vigor, e quando se é consultado *de jure constituto*.

Miseraveis, que nem sequer sabem o que dizem, e menos ainda o que querem sustentar !

As injurias vís, que o governo tem mandado nos atirar pelos jornaes, e nas palestras, revertem intactas aos que, por tal modo, e estultamente, nos offendem.

De nós só têm merecido o mais solemne desprezo.

O governo e os seus esbirros sabem que temos gloria em manter a excommunhão, de que os nossos escriptos fôram motivo. E' essa excommunhão o melhor padrão de nosso merecimento e de nossa gloria perante a sociedade livre, e ante os homens, que prezam sobretudo a honra e a dignidade.

Foi e é, apenas, explicito e notavel reconhecimento de

que nos temos esforçado pela completa regeneração de nosso paiz.

Acautele-se a Maçon. . contra a insidia, com que procedem os poderes do Estado.

Quem acoroçôa e protege os Jesuitas e ultramontanos quer o nosso aniquilamento.

Não convem a espiritos tacanhos e a governos retrogradados a prosperidade de uma instituição, que trabalha pelo adiantamento e pela liberdade plena de nossa terra.

Se o *throno*, para sustentar-se, necessita ainda do altar, e por isso transige com elle, e a elle se escravisa, fique-lhe a responsabilidade da sua sorte.

A' Maçon. . pouco importam consorcios hybridos, como esse.

Caminha sempre, e conseguida a sua firmeza com a reconstituição, em que ora se empenha, ha de concorrer necessaria e poderosamente para a felicidade do Brazil, e da sociedade em geral.

A união faz a força.

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1884.

JOAQUIM SALDANHA MARINHO, 33. .

---

## A' ESCOLA

A felicidade ! Em que é que consiste essa illusão ? No amor ? na saude ? na riqueza ? De que serve que um homem encontre todas essas fortunas invejadas, se por cada homem que as possue ha um milhão de homens que as não tem ?

Ha de nascer o primeiro venturoso quando morrer o ultimo desgraçado.

Amantes apaixonados e millionarios sybaritas, que no vosso egoismo vos julgaes inteiramente, completamente felizes, para augmentar ainda a vossa felicidade dedico-vos o

seguinte idylio gracioso, escolhido agora, e ao acaso de entre muitos outros que succedem no vosso paraizo terreal.

. \* \* \*

A praça está deserta. A noite é fria como gelo. E, enquanto as beguinias dormem no conforto das estufas, ha alli uma creatura humana que dorme nas pedras da calçada.

E' um mendigo e um ladrão.

De dia pede esmola ; á noite exige-a. A' hora da missa encontra-se á porta da igreja, e é o mendigo ; á hora do crime encontra-se á esquina das viellas, e é o ladrão. De dia traz muletas, de noite traz navalha.

Vêde-o. E' uma ignominia embrulhada n'um farrapo. Cahiu alli como um fardo de miseria, estupidamente, brutalmente, mascando pragas.

D'onde veio esse homem ? Da prostituição, do lodo anonymo. Entrou na vida pelo postigo de uma roda e ha de sahir da vida pelo alçapão de uma guilhotina. Rompeu de um ventre como um sapo de um esgoto.

A mãe, quando o deu á luz, não viu o fructo do seu amor: viu a prova de seu crime. Escondeu-o no mysterio, como o assassino esconde a sua victima. E o pai ? Seria um principe ou um condemnado das galés ? E' indifferente ! Em ambos os casos, um bandido.

E, de resto, que lhe importa a ella ? E' um fructo do chão, um fructo podre. Vem do estrume ; e vai para a forca.

Aos dez annos conhecia todos os vicios, ignorando todas as virtudes. Na época em que as crianças roubam ninhos, elle roubava relógios. Precocidade...

Quando os outros são anjos, já elle era gatuno. Na idade em que se aprende a ler, elle aprende a assobiar.

Os preconceitos e os crimes buscam os cerebros analphabets, como os morcegos e os chacaes buscam os subterraneos, ás escuras.

Ha mais luz nas vinte e quatro lettras do abcdario, do que em todas as constellações do firmamento.

Não teve mãe, não teve pai, não teve berço, e não teve escola. Germinou como um tortulho venenoso.

A alma ensanguentada da miseria tem destas gerações espontaneas !...

Aos quinze annos deixou de ser gatuno para começar a ser ladrão. Já não tirava lenços das algibeiras ; tirava libras



das gavetas. Ao principio entrava pelas portas, depois chegou a entrar pelos telhados.

Progrediu de tal modo, que, na idade em que se recebia na igreja a primeira communhão, elle recebia no tribunal a primeira sentença. Seis annos de cadeia; uma formatura em ladroagem. Quando entrou levava uma gazúa, quando sahiu trouxe uma navalha. Foi rapazola e veio tigre. A cadeia enguliu um assassino. Aperfeiçãoou-o no roubo e leccionou-o na facada.

D'ahi em diante distribuiu o seu tempo d'este modo: tres annos nas galés e tres mezes na taverna. Um assassino sahe muitas vezes de uma garrafa. O vinho, propriedade tenebrosa!... combina-se com o sangue.

A' bebedeira seguiu-se a indigencia, á indigencia o *delirium tremens*.

Naquelle cerebro de perversidade passou um terremoto de loucura.

Por fim alli o tendes. E amanhã, a estas horas, quem sabe! estará talvez n'uma guilhotina, dentro de uma cova, ou no fundo de um rio!... O cutello, a miseria e o suicidio disputam-se entre si; tres abutres á espera de um cadaver.

\* \* \*

Philantropos sociaes, respondi-me a isto: As vossas estatisticas dizem: a instrucção diminue a perversão; quer dizer, o alphabeto diminue o crime. O crime é uma doença da alma, como uma pneumonia é uma doença dos pulmões.

Para a doença ha um remedio, e para o envenenamento ha um antidoto.

Como se deita abaixo uma cadeia? Acotovelando-a com uma escola. O professor ha de eliminar o carcereiro.

A luz absorve os miasmas dos espiritos, como os arvo-redos os miasmas dos pantanos. No homem ha duas cousas — o instincto que é um cégo, e a consciencia, que é um pharol. As consciencias são as sentinellas do instincto. A razão é o domador dos appetites.

Como se faz a separação? illuminando as ruas, não; illuminando os cerebros. As casas illuminam-se por dentro. A grilheta castiga os assassinos, mas, não resuscita os assassinados. Não indemnisa, vinga.

Ora muito bem, senhores economistas philantropos

Se as vossas estatisticas, como a exactidão precisa de um

thermometro, vos declaram que a instrucção faz abaixar a criminalidade de cinquenta, quarenta, vinte por cento que seja ; se ellas vos affirmam, repito, essa verdade indiscutivel, respondi-me claramente, honradamente á pergunta que vos faço : Dentro de uma cadeia ha cem analphabetos. Se a sociedade os tivesse ensinado a soletrar, esses cem crimes ficarião reduzidos a oitenta. Quem é, pois, responsavel pelos outros vinte ? A sociedade.

Se não admittis a conclusão, rasgai as estatisticas ; se a admittis, como creio, fareis o seguinte :

Ha um jury instituido para julgar um assassino analphabeto. A sentença deve ser esta :

Considerando que as feras não podem andar em liberdade pelas ruas ;

Considerando que a ignorancia do assassino concorreu para o assassinato ;

Considerando que a miseria do criminoso foi um dos incentivos para o crime ;

Condemnamos o monstro a ser mettido n'uma jaula ;

Condemnamos o ignorante a ser mettido n'uma officina ;

E condemnamos o vadio a ser mettido n'uma escola ;

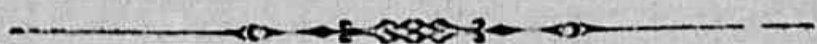
Dê-m-lhe uma cadeia, um alphabeto e uma ferramenta.

Mas, considerando que, se a sociedade tivesse fornecido um *a b c* ao ignorante, e um officio ao mendigo, a somma da ignorancia com a miseria não produziria este resultado — o crime ;

Considerando que a sociedade foi a causa, e que o bandido foi o effeito ;

Condemnamos a sociedade a que dê instrucção a todas as crianças, e dê trabalho a todos os famintos, applicando-se mais a evitar os assassinios.

GUERRA JUNQUEIRO.



# Instrucção Maçonica

## Dos numeros maçonicos

Os numeros maçonicos devem-se a Euclides, a Pithagoras e a Archimedes, isto é, aos tres primeiros geometras da antiguidade. Adoptados pelos maçons, impozeram-se estes a obrigação de estudar as causas que determinaram os antigos a consideral-os como sagrados, e attribuir-lhes propriedades dignas de consideração.

A unidade, como não tem partes, deve menos passar por um numero, que pelo principio generativo d'elles ; é, dizia Pithagoras, o attributo essencial e o sello da divindade ; é, dizem os maçons, o numero que comprehende o grande principio de todo o architecto do mundo.

Apreciemos o numero 3.

O numero 3 é o pendão do primeiro ser perfeito ; representa a essencia divina que formou a parte mais principal e perfeita do universo ; mostra-a na sua origem, e torna-a conhecida em seus effeitos.

O numero 3 é, emfim, o da SS. Trindade, o das virtudes theologaes e até o de muitas épocas memoraveis da vida de Christo. Se procurarmos este numero na mythologia grega, na egypcia, etc., encontraremos que é o das tres graças : Aglaia, Thalia e Euphrosyna. Se consultarmos a iconologia, ou representação de entes moraes sob figuras sensiveis, veremos que os antigos esperavam d'estas divindades os bens mais salutaes : o seu poder dilatava-se sobre todos os gosos da vida. Ellas compartiam pelos homens não só a graça, a alegria, o bom humor, a facilidade de se insinuarem e as demais qualidades que enfloram de encantos a sociedade, senão também a liberalidade, a eloquencia e a sabedoria. A mais bella das suas prerogativas era de presidir ás boas obras e ao agradecimento. Homens instruidos nas sciencias antigas transmittiram-nos o que os sabios julgavam d'aquelle tempo sobre os seus attributos, revelando-nos a um tempo sublimes mysterios que nas mesmas se comprehendiam.

Chamavam a estas deusas *charites*, nome derivado da

lingua grega, e que quer dizer *goso*, com o fim de ensinar-nos que devemos ter a mesma satisfação em praticar o bem, como em reconhecer o que nos concedem.

Eram jovens, para nos advertir de que a lembrança de qualquer beneficio nunca deve envelhecer.

Eram energicas, para nos dar a conhecer que se ha de socorrer promptamente, pois que o beneficio, que se faz esperar, perde muito do seu merecimento, no que concordavam tambem os gregos, dizendo que « uma graça feita lentamente deixa de ser graça. »

Eram virgens, para exemplificar que exercendo a beneficencia devemos ter intenções puras ; faltando estas destróe-se tudo o que se haja feito, por mais util que se considere ; que a inclinação benefica deve ser acompanhada de prudencia e circumspecção ; e que se davam mutuamente as mãos, para significar que devemos com beneficios reciprocos apertar e reunir constantemente os vinculos que nos alliam.

Dançavam, emfim, em circulo, para nos aconselhar que deve haver entre os homens uma circulação de beneficios ; e outrosim que, por meio do reconhecimento, devem estes regressar ao centro d'onde sahiram.

O numero 3 é tambem o dos juizes infernaes, das parcas e das furias : o Jupiter troyano tinha tres olhos. Com o primeiro observava o céu ; fixava a terra com o segundo, e servia-lhe o terceiro de olhar para os infernos.

Os gregos tinham o seu Mercurio tricephalo, o seu triplice Hecate, o seu Cerbéro com tres cabeças e o seu Hermes trismegisto.

Os indios finalmente, possuem o seu Deus Trimurti, que reúne em si tres poderes - o de crear, o de conservar e o de destruir.

Passaremos agora á definição dos numeros 5 e 7.

O numero 5 foi tambem apreciado pelos antigos, que o consideravam pelo numero favorecido de Juno, porque está composto de *dois*, primeiro numero par, e de *tres*, primeiro numero impar — emblema ou imagem do matrimonio.

Comtudo, nenhum numero foi tão venerado como o de 7. Parece que está intimamente ligado com todos os systemas que pertencem ás diversas seitas. Philon de Alexandria dizia a Calligula : « Todo o corpo activo se compõe de tres di-

mensões, comprimento, largura e grossura ; e de quatro extremos, ponto, linha, superficie e solidez : eis aqui sete qualidades, que constituem a perfeição de todo o corpo ; e esta perfeição justifica-se por muitas virtudes ; aos sete annos principiam os dentes das creanças a mudar-se e a crescer ; aos sete dobrados vem o poder generativo, etc. » Seguem assim todos os annos bissextos tempos aziágos que os antigos nos fizeram olhar como épocas constantes, nas quaes a economia animal tem que soffrer uma revolução.

O numero 7 é o das Pleyades, e dos planetas hebdomadiarios, das maravilhas do mundo, dos tonos da musica, das artes liberaes, alfim o das phases da lua.

Os hebreus advertem que a arca de Noé se deteve passados sete mezes de inundação, e que a pomba trouxe o ramo ao setimo dia.

Moysés prohibe ao seu povo a colheita de maná no setimo dia.

Joseph vaticinou sete annos de fertilidade e sete de esterilidade.

O candeeiro collocado diante da arca formava sete braços ; e sacerdotes, em numero de sete, tocavam a trombeta diante d'ella.

No Apocalypse vêem-se sete candelabros ; o livro fechado com sete sellos ; e o Omnipotente, que tem na mão sete estrellas.

Depois do Apocalypse temos tido os sete dons do Espirito Santo, os sete Sacramentos, etc.

Existe, pois, em todas as mythologias uma predilecção para o numero 7 ; e quando os maçons o escolheram por seu numero perfeito, quizeram certamente que os neophitos buscassem o que tinha dado aos numeros 1, 3, 5, 7, veneração, amor e respeito pela antiguidade.

Trataremos por ultimo do numero 9.

O n. 9, não é menos respeitado que todos os outros : representa a harmonia perfeita da natureza humana, é o termo da geração e producção de todos os seres organisados ; é o numero das deusas que presidem ás sciencias e ás artes ; é emfim, o numero completo dos algarismos arithmeticos e a triplice bateria dos Ilr. . . decorados com o terceiro grau.



## Secção Official



### Actos do Sob.: Gr.: M.: Gr.: Com.:

DE 1 A 31 DE MARÇO DE 1884

- 6 de Março — Manda expedir sem onus a Pat. . . do gr. . . 33. . . a que fôra elevado o Resp. . . e Ill. . . Ir. . . 32. . . Dr. Aureliano de Souza e Oliveira, em attenção aos seus relevantes serviços.
- 14 de Março — Concede á Aug. . . Loj. . . Cap. . . Alydéa, a moratoria de um mez para pagamento das suas contribuições annuas.
- 27 de Março — Expulsa porpétuamente da Ord. . . os MMacç. . . José Chiffoni, Miguel Miraglia e José Joaquim Isique, OOb. . . da Aug. . . Loj. . . Symb. . . Estrella do Oriente, em vista do seu procedimento anti-maçon. . .

## Muito Poderoso Supremo Conselho

**Extracto da assembléa de 3 de Março de 1884**

*Presidencia do Pod. . . e Ill. . . Ir. . . 33. . . Conselheiro Dr.  
Francisco José Cardoso Junior, Sob. . . Gr. . .  
M. . . Gr. . . Com. . .*

Estiveram presentes 10 MMembr. . . EEff. . . e 1 Honor. . .  
Leu-se e approvou-se a acta da assembléa antecedente.

Ficar inteirado :

De ter o Sob. . Gr. . M. . Gr. . Com. . por ocasião de sua viagem a Nova Friburgo, concedido :

1.º Aos RResp. . e Ill. . Irr. . 33. ., Luiz Euler e João José Zamith, VVen. . das AAug. . e BBenem. . LLoj. . CCap. . Isis e Industria e Caridade, o titulo de MMembr. . HHon. ., do Supr. . Cons. .

2.º A' citada Aug. . Loj. . Industria e Caridade o titulo de Benem. . da Ord. .

3.º Elevado aos ggr. . 31. ., 32. . e 33. . os RResp. . Irr. . 30. . João Gaspar Meyer, Candido Mathias de Faria Pardal Junior, Rodrigo Joaquim da Silva; ao 31. . e 32. ., os RResp. . Irr. . 30. . Joaquim Thomé Ferreira, Manoel João Simões, Antonio Diethelm, e ao 30. . os RResp. . Irr. . do gr. . 18. . Manoel Candido Baptista Meirelles, Joaquim Ferreira Balga, Joaquim Antonio da Silva, José Maria Pires Carneiro, José da Silva Nunes, Manoel Camarada, Victorino Moreira da Costa e Antonio Joaquim da Silva, OObr. . da Aug. . e Benem. . Loj. . Cap. . Industria e Caridade ;

aos gg. . 31. . 32. . e 33. ., os RResp. . Irr. . 30. . José Lopes de Faria Mariz e Manoel Antonio Carrilho, ao 31. . e 32. . o Resp. . Ir. . 30. . Manoel Pereira Nogueira e ao 30. . os RResp. . Irr. . 18. . Antonio J. da Silva Araujo Braga, Manoel Joaquim Lopes de Macedo Athayde e Antonio J. de Oliveira, G. Eduardo Buck e José Maria Monteiro, OObr. . da Aug. . e Benem. . Loj. . Cap. . Isis.

2.º Da comunicação dirigida ao Sob. . Gr. . M. . Gr. . Com. . pelo Resp. . e Ill. . Ir. . 33. . Dr. Aureliano de Souza Oliveira, fazendo-lhe sentir o estado lisongeiro da Aug. . Loj. . Symb. . Estrella do Oriente ao Or. . de S. Carlos do Pinhal e a proxima installação de uma aula nocturna.

#### EXPEDIENTE

Elevar aos ggr. . 33. ., o Resp. . e Ill. . Ir. . 32. ., Zeferino Candido Ribeiro e ao 30. . o Resp. . Ir. . 18. . José Gallo, OObr. . da Aug. . Loj. . Cap. . Caridade Sant'An-nense ; ao 32. . o Resp. . Ir. . 31. . Joaquim Pinto de Almeida, ao 31. . os RResp. . Irr. . 30. . Marianno Cleto Firmino Ardasse e Manoel Baptista Bittencourt, ao 30. . os RResp. . Irr. . 18. . Manoel Pacheco da Silva, Camillo Antonio dos Santos, Luiz José da Silva Lima, Joaguim Nogueira Travassos, Benjamim José de Araujo, Luiz Maria dos Santos

Ferreira e Gregorio Marques da Silva, OObr. . da Aug. . .  
Loj. . . Cosmopolita ;

Antonio Marques da Rocha, Bernardino Alves de Souza,  
Francisco Ferreira Rezende, Felicio Granat, João José Gon-  
calves da Silva, Manoel José Gomes, Salvador José de Miranda,  
Tristão da Silveira Campos e Urbano Francisco Paiva, OObr. . .  
da Aug. . . Loj. . . Trabalho ; Antonio José Ventura e José Ri-  
beiro Ramalho, OObr. . da Aug. . . e Benem. . . Loj. . . Industria  
e Caridade.

Reformar a sentença de absolvição pronunciada pelo Jury  
maçon. . no processo do Maç. . B. de S. Peixoto, condem-  
nando-o á pena de expulsão perpetua da Ord. . Maçon. .

Findo o expediente, encerrou-se a sessão.

## Grande Loja Central

**Extracto da sessão n. 13, em 15 de Março de 1884**

*Presidencia do Pod. . e Ill. . Ir. . 33. . Conselheiro Dr. Fran-  
cisco José Cardoso Junior, Sob. . Gr. . Mest. . Gr. . Com. .*

Presentes 44 RResp. . e Ill. . Ir. . GGr. . CCav. .  
EEI. . KKad. . SSubl. . Gr. . 30. ., foi aberta a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente.

Prestarão juramento os RResp. . Ir. . Marcolino Florencio  
da Cruz Sobral, Dep. . do Subl. . Cap. . Independencia e  
Luz, e Miguel Calmon Menezes de Macedo, Dep. . da Aug. . .  
Loj. . Amparo da Virtude.

### EXPEDIENTE

Ficar inteirado :

1.º De ter o nosso Sob. . Gr. . Mest. . Gr. . Com. . rein-  
tegrado no pleno gozo de todos os direitos maçonicos, o Resp. .  
e Ill. . Ir. . 32. . João Baptista Gomes Garcia.

2.º Das resoluções tomadas pelo M. . Pod. . Supr. . Cons. .  
em assembléa de 3 do corrente mez.

3.º Das communicações dirigidas pelas AAug. . LLoj. .  
Perfeita Amizade, Amparo da Virtude e Commercio, de terem  
empossado suas administrações.

4.º Das communicações dirigidas pelas AAug. . LLoj. .



Esperança e Confraternidade Maçonica, de terem eliminado como incursos no art. 245 da Const. . ., esta, os seus OObr. . . L. Rossi, 31. . ., B de Almeida e F. do Lago, ambos 30. . .; e aquella os seus OObr. . . J. T. da Silva, A. F. Rama, J. P. M. de Oliveira e T. dos S. Rosas (gr. . . 30. . .); A. A. de M. Gomes, A. dos S. Guimarães, A. A. da Cruz, J. P. Bandeira, V. F. Carrilho, V. G. Pinto, A. T. Lopes, C. Grainho (gr. . . 18. . .); M. F. Carvalhido, B. A. Carrera D. da S. Moreira, C. H. G. Reistorp, A. J. de Mello Junior (gr. . . 17. . .); J. A. B. Laranjo, A. J. da Costa, (gr. . . 9. . .); A. A. da Silva, M. M. Gomes, B. E. de Oliveira, R. Obriola, M. A. de Souza, M. F. F. Ennes, A. C. Barboza, D. J. N. dos Santos, I. J. dos Santos, J. F. Pinto, M. A. F. Neves Junior, M. B. F. de Mendonça Junior, M. G. da C. e Silva, M. Caubit, A. N. da Silva (gr. . . 3. . .); M. L. de Vasconcellos, J. Bossisio, M. V. Pago, M. A. da S. Villaca, A. E. da Trindade, A. A. Soares, G. J. de Mello, J. G. M. de Figueiredo, J. da S. Mello, L. A. da Malta M. d'A. Goulart (AAp. . .)

5.º Do despacho do Sob. . . Gr. . . M. . . Gr. . . Com. . . approvando sobre parecer da Ill. . . 1ª Secção, as eleições geraes para o corrente anno maçon. . . da Aug. . . Loj. . . Alydéa, sendo-lhe concedido o prazo de um mez para pagamento das respectivas contribuições annuas.

Approvar as eleições geraes para o corrente anno maçon. . . 5884, das AAug. . . LLoj. . . Estrella do Rio (Benem. . .) Philantropia e Ordem, Estrella do Norte, Esperança, Amor ao Trabalho, Santa Fé, Concordia 2ª, Dous de Dezembro, ao Or. . . do Gr. . . Pod. . . Centr. . ., Progresso, Amizade, Perseverança 3ª, Flor da Viuva, Estrella do Oriente e Amor a Ordem, aos OOr. . . de Campos, (Rio de Janeiro) S. Paulo, Sorocaba, (S. Paulo) Cataguazes (Minas Geraes), S. Luiz (Maranhão), S. Luiz de Caceres (Matto Grosso).

Approvar igualmente as eleições geraes para o corrente anno maçon. . . 5884 dos SSubl. . . CCap. . . Urias, Santa Fé, (Pod. . . Cent. . .) Progresso, Isis, Amizade, Perseverança 3ª e Estrella do Oriente.

Sanccionar a elevação ao gr. . . 18. . . dos RResp. . . Ir. . . do gr. . . 17. . ., Antonio José da Cunha Chaves, Obr. . . da Aug. . . Loj. . . Dezoito de Julho; Manoel Joaquim da Costa Ramos, Obr. . . da Aug. . . Loj. . . Alliança; Paulino Muniz, Antonio Monjardin e Cesar Augusto Juvita Marques, OObr. . . da Aug. . . Loj. . . Regeneração 3ª, e Porfirio Freire de Santa Anna, Obr. . . da Aug. . . Loj. . . Udo Schleusner.

O Sob. . . Gr. . . M. . . Gr. . . Com. . . nomeia para preencher as vagas existentes na Ill. . . 2<sup>a</sup> Secção, a vista da exposição feita pelo Ill. . . Ir. . . Hildebrandt, relator da citada Secção, os RResp. . . Ir. . . Miguel Calmon Menezes de Macedo e Louis Chapot Prevost.

Findo o expediente, encerrou-se a sessão.

No mez de Março não funcionaram os GGr. . . CCap. . . do Rit. . . Mod. . . e Adonh. . . por falta de *quorum*, sendo porém o expediente, depois de ouvidas as respectivas CComm, despachado pelo Sob. . . Gr. . . Mest. . . Gr. . . Com. . .

## Correspondencia Estrangeira

### Gran Oriente de España

ORDO AB CHAO

*Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam*  
(Timbre)

DEUS MEUMQUE JUS

SUPREMO CONSEJO DEL GR. . . 33. . .

Nos, Manuel de Llano Persi, *Juan Bravo*, Gran Comendador Adjunto, Gran Comendador accidental del Supremo Consejo de Soberanos Grandes Inspectores Generales del grado 33. . . y ultimo del Rito Escocés Antiquo y Aceptado del Serenissimo Gran Oriente de España enviamos

AL GRAN ORIENTE, SUPREMO CONSEJO DEL BRASIL

(EM RIO DE JANEIRO)

S. . . E. . . P. . .

Muy Ilustres y Queridos Hermanos.

Tenemos el triste deber de poner en vuestro conocimiento que el 18 del mes actual dejó de existir nuestro Ilustre y querido hermano, *Antonio Romero Ortiz*, Gran Comendador y Gran Maestro del Serenissimo Gran Oriente de España a cuyos altos puestos fui elevado por la voluntad soberana de la Masoneria española em Sesion magna de elecciones verificada el dia 9 de Noviembre de 1880.

Inutil sería que tratáramos de espresar en estas líneas la honda pena y el pesar profundo que en estos instantes supremos afligen a todos los masones españoles por la pérdida de varón tan esclarecido y de tan grandes virtudes como lo fue *Romero Ortiz*, en cuja historia se destacan las hermosas líneas de un carácter excepcional y de una inteligencia preeminente consagrados por entero al servicio de la humanidad. Así es que por mas que sus crónicos padecimientos agravados con pertinaz insistencia en los últimos meses nos hacian esperar fatalmente el funesto desenlace que hoy lloramos con sincera amargura, la desconsoladora evidencia no podria nunca amen- goar nuestro llanto ni menos atenuar dolor aute las 'tristes realidades de la tumba que nos privaron á un tiempo de un apóstol de las libertades democráticas, de un patricio insigne, de un reformista incansable y, por ultimo, como coronamiento de nobles ideales arraigados en su conciencia del distinguido hombre de estado que siendo Ministro de Gracia y Justicia en 1869 tuvo entereza bastante para decretar la extincion de la Compañia de Jesus en los dominios de España y la supresion de mas de cuatrocientos conventos donde se albergaba el fanatismo religioso.

Hombre de este siglo de lucha en que reñen feroz combate las rancias tradiciones de la teocracia con el espíritu evolucionista y transformador donde alientan las inspiraciones de las nuevas sociedades, nuestro Gran Comendador y Gran Maestro *Antonio Romero Ortiz*, deja inmenso vacío no solamente en las bovedas del Templo masonico sino en la tribuna parlamentaria, en los ateneos y academias científicas y en los círculos literarios pues que en todas partes brilló por su aplicación y amor al estudio como tambien por la privilegiada elasticidad de sus facultades.

En tales circunstancias, llamado siquier sea accidentalmente a regir los destinos de nuestra augusta Institucion como Gran Comendador nos dirigimos a Vosotros y al rogaros os asociéis a nuestro dolor por el fallecimiento del Gran Comendador y Gran Maestro de la Masoneria española, *Antonio Romero Ortiz*, esperamos confiadamente nos seguireis prestando como hasta aqui vuestro sábio y eficaz concurso para proseguir la difícil obra de la emancipacion de la conciencia humana en la cual llevais realizados tan grandes cuanto fecundos progresos.

Recibid queridos y Ilustres hermanos el abrazo fraternal, testimonio de nuestra mas distinguida consideracion.

Or. . de Madrid á 20 de Enero de 1884, (E. . V. .)

(Assignados) : El Gran Comendador accidental, *M. de Lhano Persi (Juan Bravo)*.

El Gran Secretario General, *Juan O. Fernandez*.

---

Ao receber a infausta noticia do fallecimento de tão proeminente Maç. ., o Conselheiro Dr. Francisco José Cardoso Junior, Sob. . Gr. . Mest. . Gr. . Com. . do Gr. . Or. . e Supr. . Cons. . do Brazil, convidou as OOff. . de sua jurisdicção, a, em signal de dó, suspenderem seus trabalhos por onze dias, tomando os seus respectivos OOb. . luto por treze.

---

## Secção Noticiosa

### A' GL.: DO GR.: ARCH.: DO UNIV.:

(Timbre)

N. 51. — Secret.: da Aug.: e Resp.: Off.: *Estrella do Oriente*, ao Or.: de S. Carlos do Pinhal, 13 de Março de 1884 (E.: V.:)

Ao mui Car.: e Pod.: Ir.: Conselheiro Dr. Francisco José Cardoso Junior, Sob.: Gr.: Insp.: Ger.: 33.:, Sob.: Gr.: Mest.: Gr.: Com.: da Ordem

S.: S.: S.:

Sap.: e Pod.: Ir.:

A Aug.: e Resp.: Off.: *Estrella do Oriente*, querendo dar ao seu Gr.: Mest.: Gr.: Com.: Hon.:, o Conselheiro Dr. Joaquim Saldanha Marinho, um testemunho de que em seu seio não fructificou a calumnia com que procurou tismal-o o jornal *Aurora Escosseza*, resolveu endereçar-lhe a inclusa mensagem de confiança, certa de que vos não recusareis serdes perante aquelle nosso digno Ir.: o interprete dos seus sentimentos.

Agradecendo-vos esta prova de vossa bondade, invoca esta Aug.: e Resp.: Off.:, o Sup.: Arch.: do Univ.: para que vos ampare e guarde.

Traq.: no seio da Off.: e por mandado d'ella.

Vossos muito aaff.: Ir. .

*Assignados.* — O Ven.: Joaquim Alves da Costa Cardoso, 30.:—O 1º Vig.: José Carlos de Souza, 3.: — O 2º Vig.: José Berardi, 3.: — O Orad.: João do Amaral Camargo, 18.: — O Secret.: Aureliano de Souza Oliveira, 33.:.

Sell.: e timbr.: por nós Chanc.: G.: Sell.: — (*Assignado*) — Lourenço Leonardo de Campos, 3.:.

### A' GL.: DO GR.: ARCH.: DO UN.:

N. 50.—Secret.: da Aug.: e Resp.: Off.: *Estrella do Oriente*, ao Or.: de S. Carlos do Pinhal, 13 de Março de 1884 (E.: V.:)

Ao mui C.: e R.: Ir.: Sap.: e Pod.: Conselheiro Dr. Joaquim Saldanha Marinho Sob.: Gr.: Insp.: Ger.: 33.: Sob.: Gr.: Mest.: Gr.: Com.: da Ord. . Honor.:

S.: S.: S.:

e

Affectuoso Respeito.

Sap.: e Pod.: Ir.:

A Aug.: e Resp.: Off.: *Estrella do Oriente*, ao Or.: de S. Carlos do Pinhal, em sua sessão de hoje, resolveu enviar-Vos, por intermedio do nosso Sap.: e Pod.: Ir.: Sob.: Gr.: Mest.: Gr.: Com.: da Ord.:, a presente mensagem em que Ella Vos testemunha a firme adhesão a vossa pessoa, e a inteira confiança que deposita na integridade do vosso character.

Se foi com repugnancia que Ella vio que a *Aurora Escosseza*, que se pretende orgão maç.: ousou tôrpe e vilmente em seu numero do 1º do corrente

tentar envolver-Vos com a baba peçonhenta da calúnia, foi com sincera dôr que Ella vio esse grito de diffamação, palavra de ordem de um intitulado Gr.: Or.: reproduzido nesta provincia em duas folhas diarias, que assim inconscientemente se prestaram ao malevolo intuito.

Esta Aug.: e Resp.: Off.:, que conta em seu seio, OObr.: que ainda recordam com saudade o Vosso glorioso Gr.: Mestrado, julgou dever inserir no seu Liv.: de Arch.: um solemne protesto contra essa miseravel calúnia, queimando entre CCol.: o jornal que a inventou.

Ao mesmo tempo Ella Vos manifesta a segurança de que a diffamação não fructificará em seu seio, tal é o respeito, tal a estima, tal a consideração, de que neste Or.: goza o denodado batalhador que, sob o pseudonymo de *Ganganelli*, tanto tem pugnado em prol das liberdades publicas, e dos grandes principios que a nossa Sub.: Ord.: proclama e defende.

Acceitai, Sap.: e Pod.: Ir.: as expressões do nosso affecto fraternal, e que o Sup.: Arch.: Vos ampare e guarde.

Taç.: em Loj.:

Vossos muito affectuosos Iir.: e amigos,

O Ven.: *Joaquim Alves da Costa Cardoso*, 30.:—O 1º Vig.: *José Carlos de Souza*, 3.:—O 2º Vig.: *José Berardi*, 3.:—O Orad.: *João do Amaral Camargo*, 18.:—O Secr.: *Aureliano de Souza e Oliveira*, 33.:—*Francisco Pedro de Oliveira*, 3.:—*Innocencio Ferreira de Campos*, 3.:—*Raphael Picerni* 3.:—*Francisco Antonio Sabino*, 3.:—*Benedicto de Azevedo Marques Junior*, 3.:—*De Pasquale Felipe*, 3.:—*Carmini Funari*, 3.:—*Vicenti Bevilaqua*, Ap.:—*João Baptista de Campos Pinto*, 3.:— Sell.: e timb.: por nós Chanc.: G.: S.: *Lourenço Leonardo de Campos*, 3.:

---

A' GL.: DO GR.: ARCH.: DO UNIV.:

Ao Sap.: e Pod.: Ir.: Conselheiro Dr. *Joaquim Saldanha Marinho*, Sob.: Gr.: Insp.: Ger.: 33.: Sob.: Gr.: Mest.: Gr.: Com.: Honor.:

S.: S.: S.:

Sap.: e Pod.: Ir.:

Os OObr.: abaixo assignados, MMembr.: da Aug.: e Resp.: Loj.: Cap.: *Ganganelli* 2ª, ao Val.: de *Brotas*, em sua sessão de hoje resolveram enviar-vos a presente mensagem, em que ella vos testemunha a franca adhesão á Vossa pessoa e a inteira confiança na integridade do Vosso character.

Se foi com repugnancia que ella vio que um jornal, *Aurora Escosseza*, ousou tentar tisnar-vos com a baba peçonhenta da calúnia, foi com dor que ella vio que essa torpe insinuação foi reproduzida em varios jornaes desta Provincia.

Esta Aug.: e Resp.: Loj.: Cap.: que ainda recorda com saudades o Vosso glorioso Gr.: Mestrado, sentindo-se possuida de indignação, fez lançar em seu Livr.: de arch.: um solemne protesto contra essa miseravel calúnia, queimando entre CCol.: o jornal, que a inventou.

E ao ter a honra de communicar-vos essa resolução, Ella Vos dá a firme segurança de que a semente da calúnia não fructificará em seu seio, tal é o

respeito, tal a estima, tal a consideração de que entre os OObrr.: gosa o valente batalhador, que por tantos annos tem sido o acerrimo defensor das liberdades publicas, e dos grandes principios que a nossa Subl.: Ord.: proclama e defende.

Enviando-Vos este sincero testemunho do nosso affecto fraternal ao Sob.: Gr.: Mestr.: Gr.: Com.: da Ord.: Honor.:, invoca esta Aug.: e Resp.: Loj.: Cap.: o Supr.: Arch.: do Univ.: para que Vos ampare e guarde.

Traç.: no seio da Off.: em 22 de Março de 1884 (E.: V.:)

Vossos aaff.: Ilr.: e amigos dedicados.

O Ven.: Int.: *José da Costa Florim*, 33.: — O 1º Vig.: *João Geraldo Soares*, 3.: — O 2º Vig.: *Julio Fernandes Martins*, 15.: — O Orad.: *Antonio J. de Souza Pinheiro*, 3.: — O Secret.: *Dr. Carlos Walder*, 18.: — *Aureliano de Souza e Oliveira*, 32.: — *José Fernandes de Souza Castro*, 30.:

---

A essas duas pranchas das RResp.: OOff.: Estrella do Oriente e Ganganelli 2ª deu o Gr.: Mest.: Gr.: Com.: Hon.: Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, a seguinte resposta :

Vossa presadissima prancha de 13 do corrente mez (E.: V.:) me deu consolação e conforto.

Se um punhado de discolos sem fé, sem crenças e sem pudor, se atira sobre mim e do modo o mais descommunal, os homens de bem me cercam, e os projectis da infamia não me tocam.

E' o que devia acontecer a quem, como eu, e na avançada idade de 68 annos, podendo, sem receio, olhar para todo um passado de honra, ri-se dos esforços de malevolos, cujas armas ignobeis só ferem a quem com perversidade usa d'ellas.

A questão, que aqui se agita, originada de um erro inqualificavel do Governo Imperial, tem dado materia ás mais ridiculas, senão estupidas conjecturas !

Ha muito tempo que tenho chamado contra mim a animosidade de quem não me podia vêr, n'esta infeliz sociedade em que vivemos, firme e intransigente, quer nos meus principios politicos, quer na minha sincera adhesão á nossa Subl.: Ord.:

Sustentei na imprensa e na tribuna parlamentar, e hei de sempre sustentar a necessidade de reformas sociaes radicaes, de que depende a liberdade plena de consciencia, e com ella a verdadeira liberdade politica

Nada tem isso com o que se póde pensar de nosso direito constituido.

Como advogado, e pela dignidade do encargo, disse a verdade juridica sobre diversos pontos contidos em uma propcsta, que por pessoa estranha me foi apresentada. O meu dever indeclinavel era, respondendo á proposta, dizer, com consciencia e indispensavel probidade, o meu conceito sobre a legislação em vigor.

O meu parecer desagradou ao poder, e *inde iræ!*

Outros, e notaveis advogados confirmaram a doutrina, que no meu parecer expendi; mas a mim só se dirigiram todos os esforços da vileza e deslealdade, e os apodos e injurias formigaram.

Conservei-me imperturbavel em minha posição, e n'ella persistirei, até que a reacção colloque nos devidos termos, e no terreno leal, a questão.

Dando um parecer, e procurando ante os tribunaes sustental-o, para o que tive muito séria provocação, não cedi um passo ao ultramontanismo, e nem sacrifiquei, directa ou indirectamente, a posição honrosa em que me colloquei, que sempre tenho mantido, e manterei como me cumpre.

Gloria-me ainda distinctissima excommunhão, com a qual a Igreja de Roma me quiz ferir. Essa excommunhão é a maior gloria da minha vida, e guardarei sempre como o distinctivo mais honroso, pelos importantes serviços, que tenho prestado ao nosso paiz.

Nada me importa o latido dos cães, que o governo açulou contra mim; se me demorasse no caminho para apedrejal-os, não chegaria ao fim de minha jornada honrosa.

No meio de tudo isso me satisfaz uma idéa: — Ninguem é por tal modo atacado, se não vale alguma cousa, ou não pode servir de estorvo á improbidade politica, que tem entre nós arrastado á profundeza da ignominia tantos caracteres, que nos enganaram.

Tenho até hoje me conservado calmo; tranquillo e propositalmente, tenho guardado silencio no meio da tempestade de improperios, que, por ordem do ministerio Lafayette me têm sido arremessados. Conto com o tempo, certo de que a justiça virá infallivelmente.

E se na presente prancha rompo esse silencio, é sómente em respeito a essa Aug.°. e Resp.°. Off.°. a qual com o seu nobre procedimento para comigo me obrigou a ser tão explicito, quanto acima fui.

Dignai-vos de áccetar os votos de gratidão e completa fraternidade, que vos consagro; e o Sup.°. Arch.°. do Univ.°. vos illumine e guie.

Escripta em lug.°. ved.°. ás vistas prof.°, aos 18 de Março de 1884 (E.°. V.°.)

JOAQUIM SALDANHA MARINHO.

---

**Posse.**— Do jornal *Liberdade*, da capital do Pará, transcrevemos jubilosamente a descripção da posse da Aug.°. Loj.°. Cap.°. Aurora, ao Or.°. de Belém, e cordialmente saudamos a illustrada redacção da *Liberdade*, repetindo *Away*.

Com todas as formalidades lythurgicas do Ritual Maçonico, teve lugar na noite de 1º do corrente a sessão magna de posse das Dignidades e Officiaes da Aug.°. Loj.°. Cap.°. Aurora.

Ser-nos-hia impossivel descrever o esmero e bom gosto com que se achava adornado o elegante e espaçoso templo em que funcioua a Loj.°. Aurora.

Por toda a parte musicas, flores, luzes, e tudo isto realçado pela presença de senhoras, em numero superior a cem, e do avultado numero de maçons vi-

zitanter, dava ao recinto do templo, e á entrada do edificio, o aspecto mais encantador que se possa imaginar.

Dos membros do quadro, só faltaram os que se acham ausentes do Valle.

A's 9 horas em ponto, foram abertos os trabalhos no gráo de aprendiz.

Achando-se na sala dos —*passos perdidos*— crescido numero de pobres, cegos e aleijados,—o Ven. . nomeou uma commissão composta de illustres maçons visitantes, e de Exmas. Senhoras para distribuir-lhes esmolas, o que foi cumprido em religioso silencio.

Seguiu-se o acto da posse das Luzes e Officiaes eleitos, prestando juramento os seguintes respeitaveis irmãos :

Ven. . —Antonio R. Barata.

1º Vig. . —Augusto M. Baião.

2º Vig. . —Julio S. Pereira.

Orad. . João Pedro Muller.

Secret. . —R. Clementino da S. Lisboa.

Terminados os applausos com que foram saudados os irmãos recém-emposados, o illustre Orad. . da Loj. . fez ouvir o seu verbo fecundo, illustrado e eloquente, concluindo por apresentar á officina duas cartas de liberdade, conferidas ás escravas Luiza e Crescencia, esta pelo irmão Affonso Scarabina Levergè, e aquella pelo irmão Carlos Miguel de Souza Falcão, ambos membros distinctos do Quadro da AURORA, em attenção aos relevantes serviços prestados á humanidade pela maçonaria brasileira.

Em seguida, usou da palavra o irmão 2º Vig. . Julio S. Pereira, o qual, em bem deduzido discurso, saudou ao infatigavel e dedicado maçon, o irmão Antonio R. Barata, Ven. ., pelo inexcedivel amor, e constancia digna de ser imitada, com que tem sabido presidir a Officina; e agradeceu ás Exms. Senhoras a honra insigne de sua presença nessa festa.

De seu importante discurso lembramos os seguintes trechos :

« A instituição maçonica bem o vedes, Exmas Senhoras, nada tem de contrario á religião.

« Os symbolos que aqui divisais, vel-os-heis em todos os templos em que se venera a Deus.

« Na maçonaria só não tem se iniciado, antes temem-a, os despotas de todo genero, os perversos de todos os tempos, que, ou divizam nas luzes que ella diffunde, um obstaculo á seus fins malevolos, ou tentam plantar no chão immundo da ignorancia e do fanatismo, o estandarte de seu dominio nefando.

« Uni-vos, pois, a nós Exmas. Senhoras.

« Como filhas, como espozas e como mães, valiosissimos serviços podeis prestar á Maçonaria. »

Tiveram então a palavra alguns irmãos visitantes, e os relatores das commissões das diversas lojas do Valle, os quaes proferiram eloquentes, valiosos e inspirados discursos.

N'esta occasião o irmão visitante José Marianno Pereira Jorge, distincto Obr. . da Resp. . Loj. . Cap. . Firmeza e União 2ª, do Or. . do Maranhão, possuindo-se de justo entusiasmo, pediu a palavra e declarou que concedia liberdade, sem onus algum, á sua escrava de nome Dorotéa, em nome de sua officina, como demonstração de apreço e sympathia á sua co-irmã Aurora.

Circulou o tronco de beneficencia profana, cujo producto foi destinado aos pobres, tendo arrecadado a quantia de 62\$800.

Levantados os vivas do estylo, foi esta solemnissima sessão encerrada, tomando os trabalhos *nova força e vigor* na sessão de banquete, profusa e abundantemente servida, onde se trocaram os mais entusiasticos brindes e fraternaes saudações.

Terminou esta brilhante festa com um esplendido baile, o qual acabou ao alvorecer.

Tudo quanto a elegancia póde ter de mais fino, e a delicadeza de mais affectivo, se reuniu para dar á esta festa os encantos da convivencia intima e das expansões sinceras.

\* \* \*  
A *Liberdade*, que tem inscripto em seu programma advogar os interesses da Sublime Ordem Maçonica, rejubila-se com os esforçados OObr. . da Loj. .



Cap.: Aurora, que acabam de collocar um novo marco na estrada de sua existencia social, o que importa no prolongamento d'essa existencia, e equivale á uma solida garantia estabelecida em favor da pobreza faminta, da orphanidade desvalida, da viuvez desamparada, do bem estar da humanidade, emfim. A' elles, pois, á esses denodados athletas do progresso; evangelisadores da luz, apóstolos da caridade, as nossas cordiaes e sinceras felicitações. *Away!*

### Advertencia

Por falta de espaço deixamos de transcrever a noticia que nos foi enviada pela Aug.: Loj.: Cap.: Urias em referencia á sessão solemne de posse da sua administração, o que minuciosamente faremos no proximo *Boletim*.  
N. DA R.

## ADMINISTRAÇÕES

DAS

**A. Aug.: L. Loj.: e S. Subl.: C. Cap.:**

AO VAL.: DAS PROVINCIAS

Que enviaram eleições para o anno maç.: 5883

MARANHÃO

**S. Luiz**

*Aug.: Loj.: Fraternidade Maranhense*

Ven.: Antonio José Corrêa Marques, 33.:

1º Vig.: João Jorge Rodrigues da Silva, 18.:

2º Vig.: José Francisco da Silva, 3.:

Orad.: Alfredo Nicolau dos Santos, 14.:

Secret.: Manoel Coelho Pecegueiro Junior, 3.:

Thes.: João Francisco Bezerra de Menezes, 14.:

Dep.: Antonio José Gomes Brandão, 33.:

Repres.: Adriano Corrêa Bandeira, 30.:

*Subl.: Cap.:*

Athers.: José Francisco Pinto, 30.:

1º Gr.: Vig.: José Gonçalves Machado, 18.:

2º Gr.: Vig.: Trajano Augusto Valente, 30.:

Gr.: Orad.: Raymundo Goncalves do V. Guimarães, 18.:

Gr.: Secret.: Antonio José de Almeida, 18.:

Gr.: Thes.: José Martins Ferreira, 18.:

Gr.: Dep.:

Repres.: Dr. Agostinho José de Souza Lima, 30.:

*Aug.: Loj.: Estrella do Oriente*

Ven.: Dr. Raymundo Abilio Ferreira Franco, 30.:

1º Vig.: Marcellino José de Azevedo Perdigão, 30.:

2º Vig.: José Antonio da Silva Santos, 18.:

Orad.: Dr. João Candido de Moraes Rego Junior, 3.:

Secret.: Jacintho Rodrigues da Silva Campos, 17.:

Thes. . . Antonio José Pereira da Silva, 18. . .  
Dep. . . Floro Antonio de Andrade, 30. . .  
Repres. . . Antonio José de Souza, 32. . .

*Subl. . . Cap. . .*

Athers. . . Manoel José Soares, 30. . .  
1º Gr. . . Vig. . . Marcellino José de Azevedo Perdigão, 30. . .  
2º Gr. . . Vig. . . José Antonio da Silva Santos, 18. . .  
Gr. . . Orad. . . Dr. Raymundo Abilio Ferreira Franco, 30. . .  
Gr. . . Secret. . . Nectario Rodolpho de F. Barros, 18. . .  
Gr. . . Thes. . . Francisco José Teixeira, 18. . .  
Gr. . . Dep. . . Manoel Fernandes Faria Machado, 30. . .  
Repres . . Antonio Joaquim Ferreira, 30. . .

*Aug . . Loj. . . Firmeza e União 2ª*

Ven. . . José Maria Ferreira de Mendonça, 33. . .  
1º Vig. . . Francisco de Carvalho Serra, 30. . .  
2º Vig. . . Antonio Silverio Ribeiro da Silva, 18. . .  
Orad. . . Dr. Francisco Antonio Brandão, 18. . .  
Secret. . . Luiz de Souza Lobo, 18. . .  
Thes. . . Augusto Cesar da Fonseca, 30. . .  
Dep. . . Elkin Hime, 33. . .  
Repres. . .

(Continúa).

---

## Aos nossos Irmãos

Sendo o BOLETIM OFFICIAL DO GRANDE ORIENTE DO BRAZIL uma publicação importante, util e até mesmo necessaria ; precisa da cooperação de todos os MMAç. . . do nosso Circ. . . afim de que, já por meio de concurso litterario e noticioso, já pelo indispensavel auxilio de grande numero de assignantes possa garantir a sua estabilidade e corresponder aos seus fins, o que só pôde ter feliz exito com o benevolo apoio dos nossos Irmãos, para cujo zelo e dedicação masonicã ousa appellar o Sob. . . Gr. . . Mest. . . Gr. . . Com. . .

N. DA R.

---

## A VISO

A's AAug. . . LLoj. . . de nossa jurisdicção rogamos se dignem scientificar-nos de todo e qualquer facto importante, occorrido em seu seio, para a sua publicidade em o nosso *Boletim*.

A REDACÇÃO.

---

# EXPEDIENTE.

---

## A' VENDA NO EDIFICIO COMMUM :

Constit.: e EEst.: GGer.: da Ord.:...	1\$000
Guias SSymb.: EEsc.:, nova edição revista e completada.....	1\$000
Guias SSymb.: do Rit.: Mod.:.....	1\$000
Guias SSymb.: do Rit.: Adonh.:...	1\$000
Guias de altos Gr.: do Rit.: Adonh.:	\$500

---

A Grande Secretaria Geral da Ordem, ao Valle do Lavradio n. 83, acha-se aberta diariamente, das 9 ás 2 horas

O Sob.: Gr.: M.: despacha todos os dias, devendo as petições ou requerimentos serem entregues na Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:, á Rua do Lavradio n. 83.

O Gr.: Secret.: Ger.: da Ord.: attende a todMos os Maç.: que o procurarem na Gr.: Secret.: Ger.:, das 11 ás 12 horas

Todas as noticias ou informações que tenham de ser publicadas no Bole'ira Official devem ser dirigidas ao Redactor em chefe, rua do Lavradio n. 83.

O Ill.: Ir.: 33.: Gr.: Thez.: Ger.: da Ord.: Victorino Joaquim Alves Mourão, reside á Rua da Saude, 14.

As reclamações sobre irregularidade ou faltas na entrega, assim como o importe das assignaturas, serão dirigidas directamente ao Ill.: Ir.: J. Paulo Hildebrandt, Editor do Boletim Official, o qual reside á rua d'Ajuda 31.

**Nous prions tous les rédacteurs auxquels nous envoyons notre Bulletin de vouloir bien nous remettre en échange régulièrement leurs journaux.**

**Adresse du Secr tariat : — Rua do Lavradio n. 83.**

**Rio de Janeiro. — Brésil.**

---

# O JESUITA

ROMANCE

(CONTINUAÇÃO)

---

As paginas d'este romance têm numeração independente das do *Boletim*.

Na encadernação será inutilisada esta pagina.

influenciar as vocações. A experiencia tinha-lhes provavelmente ensinado, que tal systema pouco aproveitava. Tinham a convicção de que o esplendor de que se cercavam, o papel brilhante que pareciam representar, como corporação escolhida do catholicismo, o ceremonial pomposo que desenvolviam no culto, os seus livros, tão habilmente escriptos para fazerem convergir sobre si e sobre a Ordem sentimentos de perfeita veneração, eram mais poderoso attractivo, do que o brado do clero secular, em nome das necessidades da Egreja. E não se enganavam. Por minha parte juro que nunca me fallaram para eu professar na Ordem, nem me seduziram para escolher a vida de padre : decidio-me a adoptal-a o amor ardente e excessivo que eu professava por elles. Quando senti em mim a resolução firme, que traduzi em vocação, pensava apenas : « Em poucos mezes vou entrar no noviciado dos bons Padres. »

Era em setembro de 1827. Meu pae, minha mãe, meu irmão e eu, passavamos as ferias n'uma das nossas propriedades de Seine-et-Marne. O castello de \*\*\*, situado a quatro leguas de Melun, era a habitação predilecta de meu pae, durante o verão. Representa-se-me ainda aquelle castello, com todos os encantos que eu lhe encontrava ; porque era ali que eu experimentava em todos os annos, na época das férias, os unicos gosos de familia, de que conservo memoria. E' um velho castello contemporaneo de Henrique IV, edificado n'um vale risonho, que um pequeno riacho, confluyente do Sena, fertilisa e embelleza. O vale é sombrio, e as bellas arvores que n'elle crescem rivalisam com os da floresta de Fontainebleaud. O castello, construido segundo a época, era cercado d'agua por todos os lados. Algumas casas, dependencias e officinas da habitação principal, davam-lhe certo ar de importancia, que lisongeava a minha nascente vaidade de visconde. Avistava-se da

janelle uma pequena capella, que era a unica igreja da aldêa. Meu pae, que vira os bellos parques d'Inglaterra, fez do castello de \*\*\* uma excellente vivenda. Destribuiu as arvores em alamedas agradaveis, demoliu os muros que cercavam o castello, fez o pateo maior, e fertilisou os campos em torno da casa. Umas pontes rusticas davam passagem por sobre o riacho tortuoso, além do qual se perdia a vista n'um magnifico bosque de arvores viçosas e corpulentas. Era sobre esta ponte que meu irmão e eu, nos entregavamos aos alegres brinquedos de creancice. O futuro diplomata, de que meu pae se occupava tanto, em cada periodo de ferias vinha mais diabolico, e cada anno impacientava mais com as suas maldades, o nosso pobre padre.

— Eu bem lh'o dizia ! Era a phrase de minha boa mãe, cada vez que meu pae se lhe queixava de meu irmão. Ha de ser sempre assim. Nunca ha de pensar senão em prazeres e extravagancias.

Evidentemente, em resultado da educação dos Jesuitas, eu era um anjo para minha mãe. Esta circumstancia não me embaraçava porém, quando a occasião se offercia, de fazer mil diabruras, com meu irmão mais velho, diabruras que nós disfarçavamos, com incrível sagacidade. N'esta especialidade era eu o mais forte, porque meu irmão, com a sua natural franqueza, confessava tudo, emquanto que eu, o anjo de minha mãe, aproveitando as lições e os exemplos dos Padres, inventava sempre uma astucia ou um subterfugio qualquer, e, sem faltar precisamente á verdade, evitava para ambos o merecido castigo.

Esta casa, que eu não recorde sem saudade, não foi feliz para minha familia, e poucos annos depois, crueis tristezas substituiram as minhas alegrias de adolescente.

Meu irmão tornara-se um mancebo perfeito. Tinha

dezoito annos, e havia dois que se entregara seriamente ao estudo.

Meu pae não se enganára nos seus planos de educação. A differença que existia entre meu irmão, educado profanamente, e eu, educado pelos Jesuitas, era tudo em seu favor. Excedera-me em conhecimentos, em clareza de idéas, em integridade de character. Possuia a lealdade e a franqueza que vão tão bem na adolescencia, e retemperam a alma. E tudo isto se tinha desenvolvido na liberdade, que só a disciplina do collegio restringia, restricção pouco penosa, e a que todos se submettiam, como necessidade imperiosa em todos os corpos collectivos.

Quando comparei mais tarde esta educação, com a que recebi em Saint-Acheul, vi claramente, que os habitos da vida monastica, impostos aos educandos dos Jesuitas, nem lhes davam sentimento religioso, nem formavam espiritos fortes. Aos adolescentes, não convém que lhes coarcte a liberdade, ou lh'a envolvam em rede expressa das rotinas da devoção. Encontrei depois no mundo, muitos dos meus condiscipulos de Saint-Acheul, que me confessaram estar deshabituaados de ir á missa, porque os tinham saturado de confissões e praticas devotas. \*)

Os Jesuitas não estão mais experimentados n'este ponto, do que os educadores mais vulgares, que julgam salvar a adolescencia mettendo-lhe na mão um rosario ou um livro de orações.

O que nenhuma educação altera, nem as casas dos

---

\*) Quantos educandos, dos que sahem de Saint-Acheul, julgaes vós que «perseveram», isto é, que se confessam e commungam, na primeira quaresma que passam, livres da pressão restrictiva do collegio? «Um por cada trinta.» Os vinte e nove, tornam-se peiores, que todos os discipulos dos collegios seculares. (Correspondencia de Lamennais, 18 de Março de 1826.)

Jesuitas, nem os collegios da Universidade, são os gostos instinctivos. Meu irmão era terrivelmente apaixonado pela caça, pelos cavallos, por tudo quanto era agitação e movimento. Herdára de sua velha raça o genio cavalheiroso e se pudesse, como os barões do x seculo, reunir em torno de si os seus vassallos, procuraria á frente delles, commetter todo o genero de aventuras. Era habil no manejo das armas brancas, e entusiasta por cavallos. Para elle, agarrar um cavallo fogofo, montal-o, mesmo em pello, e conduzil-o com uma simples corda, era o mais inexcedivel prazer.

N'um dia de ferias, em que cahia um d'esses violentos calores d'outono, tão favoraveis ao amadurecimento das uvas, assentei-me eu debaixo d'um enorme sabugueiro, que estendia seus vastos ramos sobre o parque e sobre a agua dormente do riacho. Eu estava completamente só, e lia um d'esses livros de poesia moderna, que não entram nos collegios dos Padres, e que não obstante, são sempre sympathicos á mocidade. Eram as admiraveis *Meditações*, de Lamartine, de que apenas tinha ouvido fallar vagamente. E' inutil dizer, que chorei ao lel-as.

De repente ouvi gritos estrondosos. Meu irmão sahia da estrebaria montado n'um cavallo novo, e, segundo o seu gosto particular, o animal ia em pello. O criado da estrebaria gritava com todos as suas forças :

— Meu Deus ! meu Deus ! olhe que succede alguma desgraça !...

Meu irmão ria, e chamava-lhe imbecil.

O animal, seguro apenas por uma corda fraca, correu á desfilada, e levou o cavalleiro por uma das ruas tortuosas do parque. Segui-o com os olhos, inquieto e assustado, e não perdi de vista nenhum dos seus movimentos. De vez em quando escondia-se-me ; mas tornava a apparecer logo, dominando os impetos do fogofo



ginete. Por fim, meu irmão conseguiu ser senhor delle; mas dentro em pouco, ouvi ruido perto de mim: era o cavallo que voltava para a estrebaria n'um galope furioso. Levantei-me immediatamente, tentando segural-o, ao menos para o destrilhar; mas ainda o enraiveci mais. Deu um pulo, como se quizesse evitar um aguilhão que lhe picasse o flanco, e, n'um movimento rapido, aproximou-se da arvore de que eu me desviara, cujo tronco nodoso parecia um poste. Em vão meu irmão, que conheceu o perigo, tentou sopeal-o: foi com uma perna de encontro á arvore, e o cavallo, aproveitando o ensejo em que meu irmão quiz livrar-se, atirou-o fóra de si, e o infeliz cahio no rio. Soltou um grito de dôr, que foi perder-se na agua, e desappareceu.

Eu não sabia nadar, e o pego era assaz profundo. O coração, porém fallou, e eu lancei-me á agua, esperando encontrar pé, e poder salvar meu irmão. Julguei haver pouca distancia entre o sitio em que o vira desapparecer, e a margem do riacho, perto da qual eu me segurava a uns debeis troncos. Só me auxiliava a coragem, faltava-me a arte. O tronco a que eu me segurava, vergou, e eu soltei um grito de desespero, e abysmei-me com meu irmão no sitio mais perigoso do rio.

O que se seguiu, ignoro-o. Naturalmente salvou-nos o silencio que succedeu ao meu brado d'angustia. Minha mãe estava no salão, e presentiu a desgraça.

— Ouvi um grito de dor, disse ella a meu pae, ouvi... Onde estão os meus filhos!... Ah! meu Deus!...

Ergueu-se. Meu pae encaminhou-se precipitadamente para o lado d'onde ouvira gritar. Chegou ao sitio onde esperava encontrar-nos, não nos viu. O cavallo, espumante e feroso, entrava então na estrebaria.

— Succedeu uma desgraça, senhor, exclamou o criado.

Tinham-nos visto havia cinco minutos. O meu livro

e o lenço d'assoar estavam no chão, perto da arvore fatal.

O que nos teria acontecido ?

Meu pae teve um presentimento. O lenço e o livro foram para elle uma revelação.

— Cahiram á agua ! exclamou elle.

Meu pae lançou-se ao rio, e seguiram-o numerosos criados. Minha mãe, ajoelhada sobre a relva, implorava a Deus que lhe restituísse os seus filhos.

Tiraram para fóra d'agua dois corpos inanimados.

Não conservava senão uma lembrança vaga do momento em que me sentira perder pé e que o abysmo me arrastara. Recordava-me apenas que uma mão de ferro me agarrara as pernas. Era meu irmão que se debatia n'um supremo esforço. Eu perdera os sentidos depois de uma horrivel suffocação.

Quando nos tiraram d'agua, formavamos um quadro singular. Meu irmão estava agarrado a mim, e de tal forma hirto, que foi difficil conseguir que me largasse. Levaram-nos para as nossas camas. Prodigalisaram-nos os mais intelligentes cuidados, e eu voltei facilmente á vida. A minha primeira palavra, o meu primeiro olhar, foram para minha mãe, que me apertou contra o peito, com vehemencia só propria do amor maternal. Meu irmão estava ainda na cama, pallido e desfigurado. Meus pobres paes tocavam o auge do desespero.

Julgou-se que o accidente não teria consequencias assustadoras para nenhum de nós ; mas ao passo que passados tres ou quatro dias, eu me achava já completamente restabelecido, meu pobre irmão continuava ainda soffrendo uma febre horrivel. Melhorou porém. Passado o perigo, regressámos a Paris ; mas meu irmão, de robusto e forte que era, tornara-se um esqueleto. Nos primeiros dias de Fevereiro de 1828, conclui eu o meu ultimo anno de humanidades. Uma carta tarjada de

preto, dirigida ao Padre reitor, encarregava-o de me annunciar a triste noticia da perda do meu querido irmão.

Foi esta a primeira dôr, verdadeiramente acerba, que senti na minha vida, tão semeada depois de pezares pungentes.

Custou-me muito resignar-me. Naturalmente sensivel e carinhoso, não tendo tido ainda no mundo expansões de coração, senão com minha mãe e este irmão, que eu adorava, senti uma falta dolorosa, e comprehendí o mal que as affeições ternas me fariam de futuro, se não fugisse ao mundo, porque estava convencido da estúpida idéa de que toda a affeição vehemente é um roubo feito a Deus.

Este fatal successo retemperou a minha vocação para a vida mystica.

Os Padres ficaram visivelmente contrariados, ao receberem a noticia da morte de meu irmão, porque depositavam em mim grandes esperanças. Soube depois que usavam o systema de recrutar o mais possivel nas familias aristocraticas, para addicionarem o esplendor do nome do adepto, ao da Ordem. Temiam que meu pae me retirasse do collegio para me fazer entrar n'uma escola universitaria, onde era possivel que, seu unico herdeiro, eu saboreasse os gosos mundanos, e lhes fugisse.

Fieis ao seu systema, nem uma palavra me disseram, nem uma allusão proferiram, que denunciasse os seus receios. Notei apenas que se exforçaram em se tornar attenciosos commigo. Como porém nos meus estudos, satisfazia completamente os meus mestres, esta especie de distincção, manifestada apenas em amizade e benevolencia, não feriu a susceptibilidade dos meus condiscipulos, porque a julgaram motivada pelo mau estado da minha saude, sensivelmente alterada em consequencia

da profunda dôr que experimentára. Além de que, eu era um dos mais adiantados em humanidades, cujo estudo ia concluir em poucos mezes.

Foi então que o meu coração, magoado pela perda de meu irmão, se affeioou vivamente a um dos nossos Padres, recentemente chegado a Saint-Acheul. Os Jesuitas, que circumstancia alguma despresavam, puzeram-o em relações directas commigo. Era o Padre Montgazin.

A Sociedade de Jesus costuma acolher no seu seio tres especies de homens : os ricos, ainda que lhes falte o nascimento e o talento ; os nobres, embora não tenham talento nem riqueza ; e os homens de talento, supposto que desprovidos de fortuna e linhagem nobre. Os primeiros são-lhes necessarios, porque fornecem a alavanca com que se remove o mundo—o ouro. São estes os Padres que enriquecem os cofres da Sociedade de Jesus, e por isso, os principaes socios d'esta grande agencia religiosa. Amam a Sociedade como coisa sua, como dominio temporal que ajudaram a adquirir. Uma Ordem pobre para nada serve. Ignacio de Loyola, que era um santo, estabeleceu a sua Ordem dando-lhe por base o desprezo absoluto das riquezas mundanas ; e, nas constituições successivamente approvadas pelos Papas, a Ordem tem sido classificada entre as ordens mendicantes. Isso porém durou apenas a época heroica da fundação. Os successores do santo, Laynez, Aquaviva, comprehenderam que a vida pobre, isolada, miseravel, no seio de uma Ordem que esperava a ração do dia seguinte, nas esmolas da caridade, pouca importancia poderia ter no seculo. Foi por isso que consideraram letra morta o artigo das constituições que prohibia a posse das riquezas, e empregaram todos os esforços para assegurar á Ordem a preponderancia que dá o ouro. Heide tratar ainda d'esta curiosa revellação, que prova que o espirito primitivo

da fundação de Santo Ignacio, não lhe sobreviveu, e que a Ordem, talvez militante, teve necessidade do que em toda a parte é a alma da guerra.

Os Jesuitas modernos occultam com o maior cuidado este desvio radical da sua instituição primitiva. O Padre Ravnian, no seu livro apologista em que defendeu o *tanquam ac cadaver*, esquivou-se a dizer ao seculo XIX que os Jesuitas deviam esperar da Providencia o pão de cada dia. O mundo responder-lhe-hia com uma gargalhada estridente, porque sabe que os pobres filhos de Santo Ignacio possuem milhões.

Depois dos homens ricos, a Sociedade aprecia muito os de nascimento elevado. Deligenciam sempre captar os filhos de familias distinctas. Prova-se assim que os Jesuitas são pouco christãos, porque apreciam a alma humana, segundo o seu valor. Usar-se-ia tambem isto, no tempo de Santo Ignacio ?

A Sociedade conheceu todavia, que nem a riqueza nem o nascimento, são a principal força motriz das cousas : essa força reside no talento : *mens agitat molem* : só elle move o mundo. Quiz, pois, ter homens de erudicção e de sciencia, quiz ter oradores. E, como já possuía as outras duas forças, os ricos e os nobres, não exigiu aos outros senão a sua bagagem intellectual. O Padre Montgazin, que foi na Sociedade meu amigo do coração, reunia estas duas qualidades tão requisitadas. Era segundo genito de uma das familias mais antigas do sul da França, um espirito pouco trivial, uma intelligencia de aptidão variada. E' talvez de todos os Jesuitas francezes, aquelle em que reconheci mais incontestavel merecimento, e o que a Sociedade, costumada a lisongear os seus, lisongeava menos.

O Padre Montgazin era extremamente sensivel : foi-lhe mister lutar na Sociedade contra este grande poder da alma humana, inutil, perigoso mesmo, nas ordens

religiosas. Resultára-lhe d'este triumpho sobre si mesmo, o habito da melancholia.

O Padre Montgazin era adorado pelos educandos de Saint-Acheul, e era considerado geralmente como um dos destinados a chegar um dia aos primeiros cargos da Ordem.

Vi, apenas conheci o espirito da Sociedade, que me approximavam d'elle para melhor me prenderem; e felicito-me d'essa escolha, porque ella obteve sobre mim um imperio absoluto, unicamente pela affeição que me inspirou.

O que se ama é quasi sempre para nós um ideal.

Nunca conheci no mundo ninguem melhor e mais bello de que o Padre Montgazin.

Sentia por elle, vivia d'elle. Era o triumpho dos Padres.

Em menos de seis semanas, a minha vocação, embora um pouco vacillante ainda, foi definitivamente resolvida :

Era Jesuita.

## VII

### TRISTE POSIÇÃO PARA UM FILHO

Estava proximo dos meus dezoito annos : concluiria já as humanidades. Em Saint-Acheul não havia nenhum dos cursos que eu devia seguir ainda.

O meu confessor, que sabia pelo Padre Montgazin o que se passava no meu espirito, disse-me um dia, em tom prophetico, como se se dirigisse a um mancebo que ia expôr-se aos perigos do mundo :

— Meu filho, chama-vos Deus a uma missão muito differente da vida vulgar d'este seculo. A pureza da vossa alma, a simplicidade do vosso coração, a vossa inclinação para o bem, imprimem-vos uma vocação mais perfeita. Evitae os caminhos trilhados. Não queiraes ir arrastar-vos pelas veredas immundas da sociedade perdida. Deus chama-vos, filho; dae-vos a Deus!

Julguei-me mais homem, quando o Padre que me dirigia desde a minha entrada no collegio, acabou de fallar. Senti um d'esses enlevos extaticos, uma d'essas aspirações ardentes para o ideal, que só se comprehendem quando nos transportamos, pelas recordações, á época dos dezoito annos. Julguei que não era um Padre, que não era mesmo um anjo, mas o proprio Deus, que de subito, sem preparar a sua revelação, acabava de me dizer: — O seculo não te convém: debes entrar na vida religiosa.

Minha excellente mãe veio buscar-me ao collegio, e no dia da distribuição dos premios, depondo em suas mãos o galardão que recebêra da minha applicação aos estudos classicos, forneci-lhe as ultimas alegrias que devia proporcionar-lhe o seu unico filho, que ella quasi idolatrava.

Seriam demasiadamente longas estas minhas memorias intimas, se eu narrasse com alguma minuciosidade, o que se passou entre mim e ella. Quando cheguei a Paris não encontrei meu pae. Estava na nossa propriedade de Seine-et-Marne. Minha mãe disse-me, como se não ligasse grande importancia ás suas palavras:

— Teu pae não passa bem ha algum tempo. Os medicos aconselharam-lhe que deixasse \*\*\*, onde o torturava constantemente a dôr que o afflige desde a morte do teu pobre irmão. Não é possivel tiral-o d'ali. Tenho bastantes pezares; mas serás tu a minha consolação...

Narrarei apenas o que se passou entre mim e minha boa mãe, a proposito da vida que eu ia adoptar.

Logo pelas primeiras phrases que trocamos, ácerca do meu futuro, conheci que teria que lutar com uma opposição tenaz, da parte de minha mãe. Tão alegre a vira outr'ora, consentindo que seu filho segundo se annullasse, entrando no sacerdocio, e deixando a seu irmão mais velho a fortuna dos Sainte-Maure, quanto a via agora pesarosa ante mim, a quem a morte do primogenito dera tal lugar, tremendo ante uma resolução invencivel, que lhe anniquilava a esperança de ver continuada a sua raça.

Depois de algumas palavras, habilmente combinadas, e que eu destruí com a minha tenaz obstinação, minha mãe começou a impacientar-se. Deixou de me fallar da maneira insinuante por que começara, e disse-me :

— Não comprehendes pois, que és o ultimo ramo dos Sainte-Maure, e que a honra, a dignidade, a consciencia, te ordenam que não deixes extinguir tão nobre familia ?

— Oh ! minha mãe, certifico-lhe que não tenho inclinação alguma para o matrimonio. As minhas idéas são absolutamente diversas.

— Serás tu d'esses filhos, que só sabem angustiar os paes, com a sua desobediencia ?

— O meu maior prazer é obedecer-lhe, minha mãe ; mas unicamente no que não prende com a minha consciencia, sobre a qual os direitos maternas não podem ter imperio. Como posso eu ter inclinação para o casamento, sentindo em mim que uma attracção indefinivel me chama á vida claustral ?

Minha mãe ficou como que fulminada com o positivismo da minha resposta.

— E's louco ! replicou ella, tentando dominar-me.



A pouca idade é que te faz fallar assim. Aos dezoito annos não ha uma unica educanda do Sacré-Cœur, que não queira ser freira, nem um so discipulo dos Jesuitas que deixe de querer entrar no noviciado. Isto porém não os impede, accrescentou ella, com um sorriso appropriado á occasião, de casarem uns com os outros, sem testemunharem pezar por terem obedecido a seus paes; mais prudentes do que elles. Os reverendos Padres conseguem mais facilmente isto, do que inspirar-lhes vocação decidida para a vida religiosa.

— Certifico-lhe, minha mãe, que os Jesuitas nem uma unica palavra me têm dito, que manifeste o seu desejo de que eu entre na sua Ordem.

— Creio-o ; são muito finos para praticarem tal inconveniencia. Convencer-te-hia porém que pensas erradamente ácerca delles, se podesse fazer-te certas revelações.

— Nem eu desejo que m'as confie, minha mãe. Tenho as minhas convicções, e não quero outras.

— Pobre creança ! Se tu os conhecesses !

Feriu-me esta exclamação.

— Mas creio, minha mãe, que foi nos seus conselhos que eu aprendi a amar os bons Padres, quando m'os indicava como o ideal religioso. Mudou acaso de opinião, minha mãe, para me accusar assim de demasida credulidade ? N'esse caso, se me engana o coração, foi o seu erro que me perdeu.

Minha mãe conheceu que tinha avançado de mais.

— Não digo que elles não sejam bons Padres, mas sei positivamente que desejam prender-te á sua Ordem. Confesso-te que se isso acontecer, sentirei um violento pesar.

— Não a comprehendo, minha mãe. Peço-lhe que use commigo toda a franqueza. Não estava na sua mente, fazendo-me educar por elles, inspirar-me idéas de

isolamento?... Explique-se, minha mãe, peço-lh'o instantemente.

Minha mãe não estava prevenida para responder a esta interrogação. Disse-me apenas, com doçura :

— Se tivesse sido essa a vontade de Deus !

O mysterio devassava-se.

— Ah ! percebo, minha mãe. Quando tinha dois filhos, e reservava para um delles todos os esplendores da sua posição mundana, não soffria o seu coração, vendo-me renunciar á parte da minha herança de familia, para que o esplendor do nosso nome fosse maior ainda, accumulando n'um, toda a fortuna da nossa casa. Approvou então a minha vocação, applaudia-se d'ella. Parece-me, minha mãe, que a minha reminiscencia é fiel. Bem me recordo de lhe ouvir, mil vezes, que nada havia mais bello nas grandes familias, do que ver encaminharem-se os filhos segundos para o estado sacerdotal, renunciando ao mundo.

— Isso é verdade.

— E já hoje não pensa assim ?

— Não, meu filho, porque tu pertences agora á tua familia, á perpetuação do teu nome illustre.

— Não comprehendo a theoria que me rouba a vontade propria, e me põe na dependencia de uma entidade ideal, a minha raça, para servir a qual, devo, mau grado meu, perpetual-a !

Minha mãe irritou-se : eu tinha vibrado uma corda sensível.

— Segue o teu caminho, visto que conheces tão pouco o que significa a palavra honra, e não comprehendes o que é uma raça. Vae, realisa as tuas aspirações plebeas.

Seguiu-se entre nós um profundo silencio. Quiz tomar-lhe a mão e beijal-a, mas ella retirou-m'a.